

Imprensa Nacional restaura obras

■ Técnicos constataam a má conservação do acervo dos órgãos públicos em todo o país

Arnildo Schulz

O clima seco do Distrito Federal evita a deterioração rápida dos livros e obras de arte, mas isso não foi o suficiente para impedir o surgimento de manchas d'água na gravura *Linik Tot*, de 1966, da artista plástica Maria Bonomi, que estava exposta no Museu de Arte de Brasília. A ação do tempo na obra de Bonomi retrata um quadro comum a todas as instituições, afirma Eliana Lobo de Oliveira, chefe substituta do Núcleo de Recuperação de Obras Raras do Departamento de Imprensa Nacional. O núcleo restaura cerca de 200 livros e gravuras em papel, por ano.

Embora Brasília seja uma cidade nova, os livros, gravuras e documentos históricos estão tão desgastados quanto os de outras cidades, porque muitos acervos vieram de fora. Atualmente, Eliana Lobo está coordenando a recuperação de obras do Supremo Tribunal Federal, Tribunal de Contas da União, da Caixa Econômica Federal e Tribunal Regional Federal. Mas praticamente todos os órgãos públicos da cidade se valeram dos serviços do Núcleo de Recuperação de Obras Raras.

O trabalho já ultrapassa as fronteiras da capital. Em Brasília foi recuperado um exemplar do jornal *O Poti*, do Rio Grande do Norte, livros e manuscritos da Fundação Casa de Penedo de Alagoas. A mais antiga obra da imprensa régia, o livro *Reflexões sobre alguns meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro* — provavelmente o primeiro livro publicado no país — também foi restaurado pelo núcleo



Eliana Lobo, do Núcleo de Recuperação de Obras Raras, restaura quadros, que vêm de vários locais do país

e integra, agora, o acervo da biblioteca da Imprensa Nacional. O serviço de restauração do núcleo não é gratuito. O orçamento é calculado sobre cada obra. Ao ser contratada pelas entidades, os responsáveis pelo núcleo aproveitam para dar uma orientação técnica sobre as condições ideais de conservação.

Agressões — A falta de condições adequadas de umidade e iluminação é quase sempre o fator responsável pelo desgaste do papel.

Uma aquarela exposta aos raios de sol fatalmente sofrerá uma ação clareadora, explica a restauradora. A iluminação recomendável para locais que têm gravuras em cor, como aquarela, giz, guache, carvão, é de 50 lux - unidade que mede a intensidade da luz. Um dia de sol representa 10 mil lux, compara a funcionária.

Tanto a umidade quanto a secura acarretam problemas à conservação do papel. Segundo Eliana

Lobo, é necessário buscar a medida ideal de aproximadamente 50%, através de umidificadores e desumidificadores. Acima de 60%, a umidade relativa do ar provoca o aumento de fungos, que acelera a deterioração química e biológica do papel. A baixa umidade, ao contrário, acarreta o ressecamento, tornando as folhas dos livros frágeis e quebradiças. A qualidade do papel também interfere na duração dos livros e gravuras.